

Uma análise discursiva foucaultiana das visibilidades do macho em aplicativos de relacionamento

A Foucauldian discursive analysis of male visibilities in dating apps

Elivelto Cardoso e Silva
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil

Kátia Menezes de Sousa
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil

Resumo: Neste artigo examinamos as visibilidades produzidas discursivamente a respeito da identificação sexual de homens em busca de outros homens para interações afetivo-sexuais em aplicativos de relacionamento. O objetivo da análise é construir problematizações a respeito da gramática binária “macho/fêmea” reproduzida online na busca por visibilidades sexuais que se enquadrem nesta gramática e, por sua vez, valorizem homens vistos como machos. Para isso, consideramos dados produzidos de 2017 a 2021 em pesquisa online em perfis de usuários do *Grindr* e do *Scruff* – ambos encontrados em lojas online de aplicativos para celulares. Seguindo a constatação de Deleuze sobre o método arqueológico de Michel Foucault, consideramos, diante do problema relativo às relações homoafetivas e de gêneros, os focos de poder/resistência como possibilitadores da formação do *corpus* que se centrou na disputa online “macho vs gay”, observada em 580 *prints* de autodescrições de usuários dos dois aplicativos. As reflexões acerca do método arqueológico foucaultiano e das considerações deleuzianas, que colocam dizibilidades e visibilidades como em constantes capturas recíprocas sob um primado do enunciado, nos possibilitaram compreender como se configura as valorizações a respeito de sujeitos que fazem ver, em seu funcionamento corporal, a visibilidade da macheza heterossexual.

Palavras-chave: Enunciado; Corpo; Gay; Virilidade; Foucault

Abstract: In this article we examine the visibilities, that are discursively produced, about the sexual identification of men in search of other men for affective-sexual interactions in dating apps. The analysis aims to discuss the “male/female” binary grammar reproduced online, which frames sexual visibilities and, with this, value men seen as males. We consider data produced from 2017 to 2021 in online research on user profiles of *Grindr* and *Scruff* – both found in online stores for mobile applications. Following Deleuze's observation about Michel Foucault's archaeological method, we consider, in the face of the problem related to homoaffective and gender relations, the focuses of power/resistance as enablers of the formation of the corpus that focused on the online dispute "male vs gay", observed in 580



prints of self-descriptions of users of the two apps. The reflections on the Foucauldian archaeological method and the Deleuzian considerations, which place sayabilities and visibilities as in constant reciprocal captures under a primacy of the enunciation, allowed us to understand how the valuations about subjects are configured to make them see, in their bodily functioning, the visibility of heterosexual virility.

Keywords: Statement; Body; Gay; Virility; Foucault

“Ora, por mais que o enunciado não seja oculto, nem por isso visível; ele não se oferece à percepção como portador manifesto de seus limites e caracteres. É necessária uma certa conversão do olhar e da atitude para poder reconhecê-lo e considerá-lo em si mesmo. Talvez ele seja tão conhecido que se esconde sem cessar; talvez seja como essas transparências familiares que, apesar de nada esconderem em sua espessura, não são apresentadas com clareza total. O nível enunciativo se esboça em sua própria proximidade”.

(Michel Foucault, 2020, p. 128)

1 Primeiras palavras

As tomadas sem encaixe na parede são indício de que há rede elétrica em funcionamento entre as paredes de casa. O encaixe, desencaixado, deixa à mostra a possibilidade de que a tomada, a qual alimenta os circuitos elétricos de nosso computador, seja alimentada energeticamente com 220W para que ele continue a funcionar e este texto possa acontecer. Os plugues que conectam o computador à rede elétrica são objetos. Ambos, neste instante, acoplados.

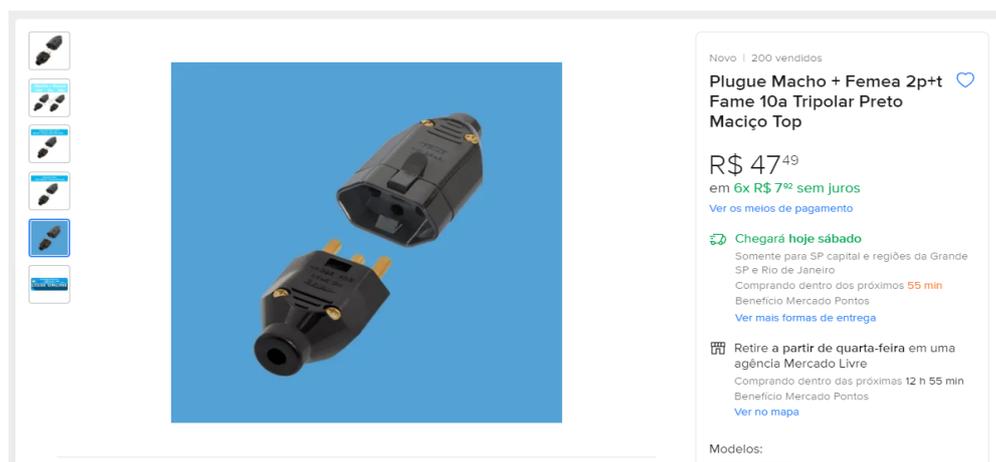
Baseando-se nos trabalhos de Michel Foucault sobre as práticas humanas e os regimes de saber, em que ele toma as coisas fabricadas como uma expressão, como a materialização de certas formas de conhecimento, concepções de saber e de verdade, Albuquerque Júnior (2021) alerta para os objetos que compõem os dispositivos sem honra, pois, ao contrário dos aparatos administrativos, das leis, dos regulamentos, dos regramentos, que comporiam os dispositivos de poder-saber, por exemplo, não lhes confiamos a importância devida em nossas vidas, em nossa rotina. Perguntado sobre o sentido que atribui ao termo dispositivo em seus métodos de análise, Foucault (2014) explica que o dispositivo é a rede estabelecida entre elementos heterogêneos que comporta tanto o dito quanto o não dito e que, entre esses elementos, discursivos ou não, há como um jogo, mudanças de posição com uma função estratégica para responder a uma urgência em dado momento histórico. Considerando a definição de dispositivo como “estratégias de relações de forças suportando tipos de saber e suportadas por eles

(FOUCAULT, 2014, p. 47), é que o historiador Albuquerque Júnior pode pensar nos nomeados dispositivos sem honra como objetos que “comporiam dispositivos de poder muito menos aparatosos e visíveis, dispositivos sutis e insidiosos, que povoam o nosso cotidiano sem nos darmos conta” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, p. 134, 2021).

Citamos o historiador, em meio a circuitos elétricos, não para fazer uma mistura desconexa, mas para acoplá-lo ou, mais precisamente, acoplar seus pensamentos aos objetos mencionados e destacar a importância deles para a maneira como nos organizamos discursivamente a respeito da superfície de circuitos elétricos que possibilitam acoplamentos por meio de plugues que são identificados em sites de compras com polaridades e funcionalidades distintas. Para deixar mais evidente:

Figura 1 – Plugues não-anais à venda

(1)



Fonte: < Plugue Masculino + Femea 2p+t Fame 10a Tripolar Preto Maciço Top | Parcela não juramentada (produto-mercadolivre-com-br.translate.google)> Acesso em 03/03/2021

Não acreditamos, assim como Albuquerque Júnior (2021), que os objetos sejam inócuos em nossas vidas. Eles dizem, dizemos a respeito deles, fazemos ver a partir deles e com o que dizemos sobre eles. Em (1), destacamos o que se pode encontrar fácil e constantemente em lojas online, especificamente nas seções de materiais para construção. Mas esses objetos não são apresentados como “machos e fêmeas” unicamente em lojas online, visto que podemos nos dirigir também a uma loja física e solicitar ao vendedor a compra de tomadas/soquetes, e ele certamente nos interpelará: “Macho ou fêmea?” Com isso, o vendedor enunciara uma constante de nosso tempo a respeito de um objeto específico que, ao contrário de genitálias humanas, é comercializado legalmente à luz do dia em vitrines ou sites. O expresso em (1) enuncia que existe “macho” e “fêmea”, um

capaz de penetrar e outro incapaz. O capaz é apresentado sob a égide de três pinos metálicos erigidos de suas extremidades e o incapaz pela ausência de três pinos que, conforme é dito sobre ele, torna-o “fêmea”.

Assim como um comprador pode escolher tomadas e acionar sobre elas enunciados a respeito de macheza e de feminilidade, podem agir homens à procura de outros homens, em nosso tempo, em dispositivos eletrônicos previamente alimentados por objetos sem honra dispostos em paredes, indiciando a possibilidade de acoplamento para fins de alimentação dos circuitos elétricos de celulares. Diante disso, consideramos que a gramática binária “macho/fêmea” é preservada não somente quando se busca adquirir plugues elétricos em lojas, mas também a cada acoplamento, a cada vez que um celular ou outro dispositivo é alimentado energeticamente para que homens busquem parceiros, sobretudo para que o funcionamento e o acesso de sites e de aplicativos de encontro sejam mantidos para homens que, por exemplo, enunciam conforme (2).

Figura 2 – A busca pelo plugue macho

(2)
HxH
Buscando macho ativo. SÓ MACHOS! (Grindr)

Afeminado – 22 anos:
Quero um homem pra ser meu macho na cama e eu ser a mulherzinha dele. (Grindr)

CASADO+SIGILO -26 anos:
Macho casado com mulher, a fim apenas de sexo e pegação com outro macho. 1.80 Atl, 78kg, Olhos castanhos, corpo torneado e com pelos (corpo e jeito de macho). Não curto afeminados, nda contra, mas prefiro homens como eu e de preferência casados. (Grindr)

Conforme enunciam em (2), os usuários do *Grindr* procuram alguém que seja capaz de desempenhar um papel considerado ativo durante o sexo, que seja capaz de “penetrar” e que se porte como “macho” à moda de plugues não-anais, mas elétricos, comercializados online aos pares: um dos pares vendido como “macho” e outro como “fêmea”, cada um com suas particularidades anatômicas, como visto em (1). Já em (2), há a mesma lógica de enunciação binária, “macho/penetrador” vs “fêmea/penetrada”, em aplicativos de relacionamentos para homens. Com base nisso, percebemos que a macheza valorizada em (2) também será visível a partir de particularidades anatômicas a respeito do corpo e de seu funcionamento, como destaca um dos usuários mencionados, quando enuncia que possui um “corpo macho” e que procura, assim como seus anteriores, “machos”. Sendo assim, este é um embate que evidencia o já percebido por Butturi Junior

(2012) sobre a existência de uma monossexualidade que norteia interações virtuais em plataformas voltadas ao relacionamento afetivo-sexual entre homens. No mesmo sentido que o pesquisador, quando problematizou enunciados encontrados em salas de *Bate Papo Uol* e no site *Disponível.com*, notamos a valorização do parceiro que mantenha uma identidade social heterossexual e a desvalorização do que seria um “plugue fêmea”, isto é, a desvalorização de parceiros afeminados.

Feitas essas demonstrações, podemos indicar que o objetivo desta análise se centra na possibilidade de construir problematizações a respeito da gramática binária “macho/fêmea” reproduzida online na busca por visibilidades sexuais que se enquadrem nesta gramática e, por sua vez, valorizem homens vistos como “machos”. Para este feito, consideramos importante esclarecer que, para a formação do *corpus* em análise, partimos do que Deleuze (2017c) classifica como um passo importante para que Foucault pudesse elaborar os volumes da História da Sexualidade: os focos de poder/resistência. O *corpus* será, assim, constituído e determinado em função dos focos de poder que são postos em jogo pelo problema que colocamos. Sobre esse ponto, Deleuze (2017d) convida-nos a perceber que Foucault adota um método que lhe é próprio, ao fixar, primeiro, seus focos de poder e resistência, para depois constituir um *corpus* de palavras, frases e proposições de sexualidade, por exemplo, de uma dada época, de onde extrairá enunciados que capturam visibilidades e que por elas são capturados. Desse modo, os focos de poder possibilitadores da formação do *corpus* que analisamos centram-se na disputa online “macho vs gay”, observada desde meados de maio de 2017 até setembro de 2020, e que contabilizam 580 *prints* de autodescrições de usuários tanto do *Grindr* como do *Scruff*.

Nessa perspectiva, tomamos como importantes não só as contribuições foucaultianas, em *A arqueologia do saber*, sobre as formações discursivas, como também as contribuições deleuzianas, em *Michel Foucault: as formações históricas*, para tratar mais atentamente das formações não-discursivas, ou melhor, das visibilidades, como são demonstradas por Deleuze no referido curso sobre Michel Foucault. Com isso, também destacamos que, a partir do *corpus* de “palavras” em análise, será possível analisar visibilidades, pois dizibilidades e visibilidades incidem-se em capturas recíprocas sob um primado do enunciado sobre as visibilidades, justificando, desse modo, conforme Deleuze (2017), o empenho foucaultiano em construir uma “caixa de ferramentas” que se ocupa em larga escala do problema das formações discursivas, isto é, das dizibilidades.

Nesse sentido, as aulas ministradas por Deleuze compõem um importante caminho para que se possa aprofundar os estudos não só das formações discursivas, como também das formações não-discursivas. Estas, tomadas nesta análise como visibilidades, constituem dispositivos e não se centram apenas em objetos, estruturas arquitetônicas, roupas, corpos, práticas, e outros, mas também em conjuntos de enunciados que dizem e fazem ver. Logo, as questões que colocamos em destaque são: Como se vê um “macho online”? Qualquer homem pode ser visto e/ou mostrar-se como “macho”? Quais configurações corporais são discursivamente atribuídas a “machos” nos aplicativos de relacionamento? Enfim, esses questionamentos serão importantes para a análise das visibilidades produzidas online sob a gramática sexual “macho/fêmea” em sua valorização de homens ditos e vistos como “machos”.

2 Como se vê um “macho” em aplicativos de relacionamento?

Inicialmente, pontuamos que, ao enunciarem sobre si, descrevendo sua posição de sujeito macho em meio a várias opções na vitrine que o *Grindr* e o *Scruff* são, os usuários expressos nos conjuntos de enunciados em (2) apontam para o corpo e para a maneira como ele se apresenta. Tendo isso em vista, destacamos a necessidade de, a partir de novos conjuntos de enunciados, não apenas lançar problematizações sobre os enunciados produzidos pelo “cara macho”, ao enunciar e defender sua existência online enquanto sujeito de valor em relação ao afeminado, mas também de construir problematizações, a partir dos ditos, a respeito de como se vê um “macho”.

Deleuze (2017a, p.25) destaca que, em *A Arqueologia do Saber*, Foucault (2020) vai se desdobrar muito mais a respeito do enunciado do que sobre a visibilidade, fazendo com que esta apareça muito menos na obra do que aquele. Mas isto não significa que as questões do ver, assim como as do falar, não estavam em suas obras anteriores, como *Vigiar e Punir*, *A História da Loucura* e *o Nascimento da Clínica*. Nesse sentido, Deleuze, em suas aulas sobre as formações históricas, empreende, ao contrário do que Foucault (2020) faz em sua arqueologia, grande destaque às questões do ver, tratadas negativamente por Foucault (2020) como “formações não-discursivas”. Com isso, justificamos a necessidade de levar em consideração também as noções deleuzianas sobre os estudos realizados por Foucault baseados nos enunciados e nas visibilidades.

A partir dessas considerações sobre as visibilidades, buscamos elencar, nesta análise, conjuntos de enunciados produzidos tanto no Grindr quanto no Scruff sobre as maneiras de se ver um “cara macho” e sua potencial capacidade de “penetrar”. Ressaltamos, antes de tudo, que a pretensão não é conseguir demonstrar toda e qualquer visibilidade do “cara macho” existente em ambos os aplicativos, mas apenas as que foram enunciadas dentre os enunciados que puderam ser capturados durante a produção de dados em um período específico.

Um dos aspectos que podem mostrar o “macho” em funcionamento é a voz. Observemos:

Figura 3 – O macho fala como macho

(3)

Sem foto s/ papo! – 35 anos:
Gosto de HOMEM, voz mole, delicadeza, gírias de “moça” e putas desesperadas... não me atrai! BARBA, masculinidade, voz, atitude, eu curto! Não tenho estereótipos, tem que ser MACHO! Se CHAMOU MANDE FOTOS PFV! (Grindr)

Leia perfil – 24 anos:
Sozinho em casa. Afim de homens com jeito e estilo. Voz de homem! Bora ver o que acontecerá... haha Já manda foto! Retribuo. Sou de boa. (Grindr)

JáLeu?AtvSigiloso – 37 anos:
Sou ativo macho bi, comportamento, voz e atitudes de homem hétero. Só curto caras assim tipo hétero. Não insista, não curto afeminado, gordinho, casal gay, 4:20, fumante. Foto ã significa cu! Troco foto. Educação por favor! (Grindr)

Ativo sx seguro:
Não aos que fala miando, gordo etc... nada contra mais só não curto. Taps significa que você é trem bom. (Grindr)

BI-22cm-Cbelos – 52 anos:
Olá estou aqui pra ver se conheço alguém interessante. busco um cara legal. quem sabe podemos termos algo sério. só não curto gordo e nem afeminado com voz de cigarra sou Bi-versátil sem foto não perca seu tempo. (Grindr)

Nos perfis dos usuários expressos em (3), há novamente a expressão da busca por usuários “machos”, HOMENS em caixa alta que não sejam “afeminados”. Na busca por seu parceiro, o usuário “Sem foto s/ papo” dirá que não se interessa por usuários que tenham voz mole, sejam delicados e usem “gírias de ‘moça’”. Semelhantemente, o usuário “Leia perfil” dirá que tem preferência por homens com jeito, estilo e voz de homem. No mesmo sentido, o usuário “Ativo sx seguro” dirá de sua recusa aos usuários que, porventura, falem “miando”, que sejam gordos e “etc.”. Também justificará sua recusa afirmando não ter nada contra os tipos de usuário mencionados, apenas não se

sente atraído por eles. Em seguida, há o usuário “Bi-22cm-Cbelos” que está à procura de “um cara legal” e está disponível para um relacionamento sério e, de maneira semelhante ao usuário anterior, não se interessa por homens gordos ou por afeminados “com voz de cigarra”.

Diante disso, percebemos que o “miar dos gatos” e o “canto estridente da cigarra” serão determinantes para esses usuários que buscam por parceiros que não emitam vozes que se assemelhem a esses sons que não são sons graves. Assim, a voz e a maneira como ela é vocalizada servem como categorias de diferenciação na busca por parceiros online e, sobretudo, servem como formas de hierarquização, tendo em vista que os enunciados em destaque deixam claras valorizações a respeito: “falam como homens”, isto é, não falam como mulheres. No mesmo sentido, também destacamos, a seguir, uma descrição de tratamento fonoaudiológico destinado a homens que desejam afastar o som de suas vozes do “miar dos gatos”.

Figura 4 – O discurso médico e visibilidade da voz

(4)

Na minha clínica, vários pacientes do sexo masculino recorrem ao meu método para correção da voz afeminada. Como eu já disse em outro texto, é muito triste quando encontramos homens sendo confundidos com o sexo oposto, principalmente ao telefone, quando são chamados de “senhora” e mantêm a conversa até o final, sem condições de inverter essa posição.

Alguns são homossexuais assumidos, que não querem dar bandeira com a voz afeminada e com os trejeitos corporais. Eles procuram realizar a terapia para disfarçarem o máximo possível a preferência sexual, porque realmente a sociedade ainda discrimina bastante os homossexuais.

Também sou requisitado por homens que não são homossexuais mas desmunhecam bastante deixando as pessoas em dúvida da sexualidade deles. Estes coitados sofrem muito na sociedade, inclusive para se relacionarem com o sexo oposto, os familiares das namoradas fazem uma pressão tremenda desconfiando que o pobre coitado é gay.

Fonte: <https://www.boasfalas.com.br/voz/voz-afeminada>. Acesso em 03/03/2021.

No quadro anterior, mencionamos um trecho do texto “Homem com voz afeminada tem cura!”, publicado em novembro de 2013 e retirado do site do Instituto de Fonoaudiologia e Oratória Simon Wajantraud fundado em 1968. Wajantraud se apresenta como fonoaudiólogo e desenvolvedor de um método de cura da voz fina e anasalada. No texto, são expressas preocupações com a voz de homens que não possuem, a partir do funcionamento de seu aparelho fonador, vozes consideradas masculinas. Por isso, o instituto recomenda que, para não ser confundido com mulheres e homossexuais, homens devem adquirir seu tratamento a fim de fazer funcionar em sua vocalização uma voz masculina que não se confunda com a voz feminina. Com o tratamento fonoaudiológico,

conforme (4), confusões de gênero deixariam de acontecer durante uma ligação telefônica, homossexuais podem se tornar mais discretos a respeito de suas práticas sexuais e até mesmo homens heterossexuais, que têm sua sexualidade sob suspeita, podem se tornar mais “heterossexuais-machos” sem sofrer qualquer pressão familiar sobre o que sua voz faz ver. Como ilustra Deleuze (2017e, p. 39), ao resumir a fórmula foucaultiana de que “o discursivo tem relações discursivas com o não-discursivo”, “o enunciado tira com sua pinça – e ele é sempre heterogêneo – um pedaço do visível, e a visibilidade tira com uma pinça um pedaço do enunciado”.

Diante dos enunciados descritos em (3) e (4), é possível constatar que o “macho” também pode ser visto pela maneira que usa a linguagem, afastando-se de determinadas gírias que possam ser entendidas como “gírias de ‘moça’”, e pela forma que emite sua voz. Um “homem macho” é visto pela forma como fala. A “voz de homem” é uma maneira de ver o “macho”. Falar como “homem de verdade” é uma tarefa que exige afastamento de certas gírias e da moleza na voz, do “miar dos gatos” e do “canto das cigarras”, características consideradas femininas. Logo, os conjuntos de enunciados, expondo a busca por visibilidades que valorizem a macheza, expressam reiterado desprezo pelo homem afeminado que é recusado como quem não porta em seu corpo, quando emite sua voz, uma qualidade de homem heterossexual, a voz grave. O afeminado, dessa maneira, representa o que deve ser evitado para relações afetivo-sexuais entre “caras machos” por sua voz “mole”, “fina” e, possíveis, “gírias de moça”, pois ele não fala como homem heterossexual, mas como uma mulher. Em suma, a voz afeminada é motivo de preocupação social e, mais especificamente, médica, pois é vista como uma visibilidade incoerente à identidade de “homem macho”, como uma estranha falha a ser tratada em consultórios de fonoaudiologia.

Além da voz como forma de visibilidade da macheza, destacamos ainda outra regularidade enunciativa: os pelos corporais. Observemos:

Figura 5 – A relação do macho com os pelos corporais

(5)

CASADO+SIGILO -26 anos:

Macho casado com mulher, a fim apenas de sexo e pegação com outro macho. 1.80 Atl, 78kg, Olhos castanhos, corpo torneado e com pelos (corpo e jeito de macho). Não curto afeminados, nda contra, mas prefiro homens como eu e de preferência casados. (Grindr)

Maduro ativo – 54 anos

ATV p/ parceria sexual. Compromisso só de amizade. Nada contra, mas NÃO CURTO AFEMINADOS NEM DEPILADOS. Mais novos têm preferência, mas não exclusividade. Curto caras machos. Trocar nudes depois de um papo é essencial. Tenho local. (Grindr)

Em (5), o “CASADO+SIGILO” afirma ser “macho casado com mulher” e procura pegação com “outro macho” que tenha “corpo e jeito de macho”. Após isso, ele se descreve fisicamente e, ao descrever-se, ressalta a cor dos olhos, o peso, a altura e que tem um corpo torneado e com pelo e, logo em seguida, enfatiza que tem “corpo e jeito de macho”. Em segundo momento, o usuário “Maduro ativo” afirma em caixa alta “NÃO CURTO AFEMINADOS NEM DEPILADOS”, ainda diz de sua preferência por usuários mais novos e por “caras machos”, isto é, que não sejam nem afeminados nem depilados.

Percebemos, dessa forma, certa aproximação entres os dois usuários que valorizam em sua busca online o “macho com pelos” em sua composição corporal como objeto de desejo. Assim, os ditos entrelaçam-se ao exporem recusa a usuários afeminados que não tenham pelos corporais e ao valorizarem “caras machos” com pelos pelo corpo. Logo, assim como em (3) e (4) destacamos a respeito da voz, em (5) os “caras machos” também atribuem a si a presença de pelos corporais para que se possa ver “o macho” e o “plugue macho”. Portanto, a partir dos três conjuntos de enunciados, há dois conjuntos de visibilidades a respeito da presença online do “cara macho” em busca de semelhantes, a “voz grave” e o “corpo com pelos”, assim como o “corpo torneado” que pode ser visto e tateado.

É oportuno, após a apresentação de (3), (4) e (5), dizer que constituir visibilidades não é apenas o exercício fisiológico do olho em funcionamento que soa estranho num primeiro momento. Essa estranheza se expande quando Deleuze ressalta que as visibilidades, por não serem reduzidas a um exercício fisiológico do olho, reportam-se secundariamente à vista. Mas desfaçamos a estranheza:

As visibilidades são complexos multissensoriais, óticos, auditivos, táteis [...] Mas então por que chamá-las “visibilidades”? Na verdade, elas são complexos de ações e reações, complexos multissensoriais de ações e reações, ações e paixões. Por que então chamá-las “visibilidades”? São visibilidades porque estes complexos não existem senão na medida em que eles vêm à luz. Eles só existem na medida em que a luz os extrai para si, na medida em que a luz os faz emergir. (DELEUZE, 2017d, p.17-18)

Sobre as considerações de Foucault em *O Nascimento da Clínica*, Deleuze (2017e, p.18-19) esclarece que o olhar médico de Laënnec sobre uma voz trêmula percebida/vista

pela audição indica, ao médico, a existência de um possível derrame. No mesmo sentido, quando um coração é auscultado pelo médico Corvisart e seu mal funcionamento indica uma hipertrofia como uma visibilidade, estamos diante de uma maneira específica de ver que não se limita ao campo visual, mas anima outros sentidos. Nesse processo, o olhar médico é aguçado por mais de um sentido e circunscrito por saberes da anatomia patológica, isto é, o médico produz visibilidades sobre determinadas enfermidades com base no uso de seus sentidos e em determinados conjuntos de enunciados. Diante disso, Deleuze (2017e, p.18-19) enfatiza a existência de uma relação entre o visível e o dizível e que as visibilidades são multissensoriais.

Com isso, pontuamos que a luz que reporta a visibilidade à vista não se trata de uma luz primeira, uma luz newtoniana, conforme Deleuze (2017e, p.18), mas de uma condição para a existência de visibilidades. Quando, no caso dos médicos mencionados, encontram-se o derrame e a hipertrofia como visibilidades, não é porque houve raios de sol iluminando alguma coisa ou mesmo uma lanterna, mas sim porque um determinado som foi reportado a um olhar médico que dispõe, por seu turno, de enunciados regulares no campo da anatomia patológica, indicando tal ou qual visibilidade a respeito das enfermidades. Assim, abordar as visibilidades não é estar limitado pelo exercício do olho, pois elas são, como Deleuze (2017d) enfatiza, multissensoriais e, também, possuem relações com o discursivo, pois haveria um “primado do enunciado”.

[...] encontra-se em *A Arqueologia do saber* uma expressão muito curiosa na qual Foucault nos diz: ‘o discursivo possui relações discursivas com o não-discursivo’. Não se poderia expressar melhor o primado do discursivo. O discursivo possui relações discursivas com o não-discursivo significa que o enunciado tem relações enunciativas com o não-enunciado, com o visível. [...] nunca o primado quer dizer ‘restitutibilidade’, e isso parece-me evidente. (DELEUZE, 2017a, p.28)

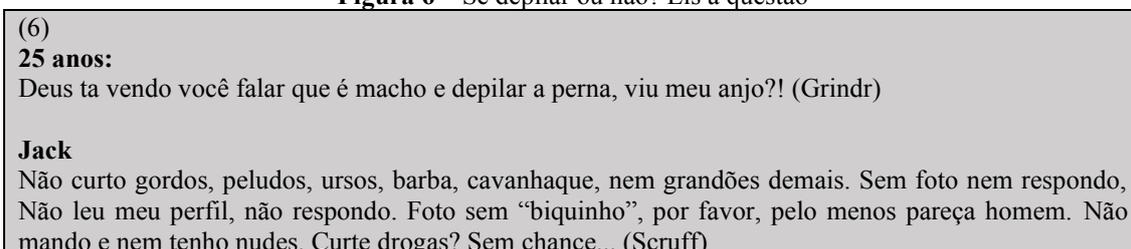
Sob essa perspectiva, destacamos as visibilidades evidenciadas nesta breve análise a partir de enunciados produzidos por usuários tanto do Grindr como do Scruff, assim como suas relações de vizinhança com o discurso médico.

Dito isso, destacamos, até então, duas visibilidades a partir de (3), (4) e de (5), as quais não se reduzem ao campo visual, por estarem, respectivamente, no campo auditivo e nos campos visuais e táteis. A “voz grave” se reporta à audição do “cara macho”, enquanto isso o “corpo com pelos” e o “corpo torneado” se reportam ao campo óptico e

ao tátil, pois o corpo não depilado e o torneado são vistos, mas também percebidos pelo tato, quando em contato com o outro durante relações afetivo-sexuais. Logo, o “cara macho”, “tipo hétero”, nos ciberespaços procura, quando em busca de semelhantes, parceiros que façam ver, em seu corpo e no uso dele, visibilidades específicas, confirmando que as visibilidades são mais que os olhos podem ver e mais que a luz do dia pode mostrar.

Em seguida, ressaltamos, em (6), usuários que retomam a visibilidade a respeito dos pelos corporais reforçando-a e recusando-a:

Figura 6 – Se depilar ou não? Eis a questão



Em (6), o usuário “25 anos” enuncia a existência de certa hipocrisia de “caras machos” no aplicativo ao dizerem-se “machos”, mas serem adeptos da depilação de suas pernas. Notamos, assim, uma crítica a respeito da categoria “macho”, quando esta é requisitada por aqueles que se depilam e, por conseguinte, permanece a asserção de que quem se depila não é “macho”, mas, afeminado, mulher, fêmea. Com isso, a visibilidade a respeito do “corpo com pelos”, enquanto visibilidade da macheza é alimentada, do mesmo modo que a afeminação daqueles que se depilam e que, conforme o perfil “25 anos”, estariam equivocados a respeito de sua posição identitária de “machos. Portanto, conforme o primeiro usuário em (6), homens à procura de outros homens online estão erroneamente requisitando para si o topo da posição hierárquica no jogo “macho vs afeminado”, quando praticam a depilação.

Também, constatamos, em (6), que se parecer com homem heterossexual não exclusivamente passa pela presença de pelos no corpo para alguns usuários dos aplicativos. No perfil de “Jack”, há um usuário que busca por homens que não sejam “gordos”, “ursos”¹, não tenham “barba”, sem “cavanhaque”, nem sejam muito altos, e

¹ Trata-se de uma categoria que diz respeito, grosso modo, a homens homossexuais com barba, pelos e que não se dedicam a atender padrões de corpos musculosos, torneados e depilados.

que sejam homens que não façam “biquinho”, pois fotos com “biquinho” não fariam com que quem nela está se pareça com homem. Mesmo sem barba e sem pelos pelo corpo, é preciso parecer “homem de verdade”. Diante disso, “Jack” se distancia especificamente do usuário que o antecede e dos usuários expressos em (5) em razão de sua desvalorização da barba e do “corpo com pelos” como uma característica da visibilidade atribuída ao “macho”. Entretanto, mesmo renunciando aos pelos corporais, “Jack” enuncia sua valorização a respeito dos “homens machos” e lista outros requisitos para assumir essa posição de valor.

De forma similar ao que é dito nos conjuntos expressos anteriormente, mencionamos outra maneira de ver “o macho”:

Figura 7 – Machos com cheiros de macho

(7)
24 anos:
Meio marrento dizem, curto pegação, coisa de macho, pegada massa, forte, não curto afeminados, xonado em pelos, cerveja, sertanejo, cheiro de macho, certos tipos de fetiches (pês, suvaco, social...), silêncio é resposta, pegar sem apegar! (Grindr)
Raba visitante
Sou discreto comum a procura de um cara tranquilo pra curtir enquanto estiver na cidade. Caras em cheiro de macho suado um passo a frente. (Scruff)

Em (7), o usuário “24 anos” diz que tem apreço por “pegação”, por “pegada forte”, “coisa de macho”, também destaca, assim como os perfis anteriores, sua valorização por corpos com “pelos”, por “sertanejo”, “cerveja” e por “cheiro de macho”. No mesmo caminho, “Raba visitante” diz de sua discrição e de sua procura por parceiros para “curtir” enquanto estiver na cidade, logo para um relacionamento efêmero, e, depois, enfatiza sua valorização por parceiros com um cheiro específico, “cheiro de macho suado”. O cheiro passa, dessa forma, a ser também uma das maneiras de se ver um macho, logo, podemos considerar o “cheiro de suor” como uma visibilidade produzida a respeito do “cara macho”, o que reafirma a hierarquia produzida discursivamente online em que o “cheiro de macho” é valorizado como uma visibilidade distintiva do cheiro da fêmea que o homem afeminado exalaria.

Conforme o exposto, os dados produzidos indicam que estamos diante de valorizações a respeito de sujeitos que fazem ver, em seu funcionamento corporal, a visibilidade da macheza heterossexual. Estes se produzem discursivamente na busca por relações que se assemelham às “relações monossexuais”, como abordadas por Foucault

(2010, p.124), e, desse modo, indicam uma atual busca online em que homens estejam entre homens nas relações afetivo-sexuais, excluindo, conforme os dados produzidos, os “afeminados/bichas/gays/mulheres” de suas relações, por não fazerem ver, em seu funcionamento corporal, visibilidades adequadas à prática de uma monossexualidade. Nesse sentido, deve-se ressaltar que os enunciados analisados expressam, conforme observou Butturi Junior (2012, p. 235), uma necessidade de silenciamento e de afastamento da passividade e da efeminização, isto é, materializa-se uma produção de si online baseada na exclusão do outro em prol da manutenção de uma monossexualidade contemporânea que possibilite que “homens machos” estabeleçam relações entre semelhantes. Dito isso, é possível depreender que, na expressão de um discurso monossexual online, os “plugues machos”, de forma aparentemente contraditória, podem até ser penetrados/apassivados por “plugues machos”, mas não necessariamente perdem sua “macheza”, tendo em vista que fazem ver, em seu funcionamento corporal, visibilidades específicas que alimentam a identidade de “macho”.

3 Palavras finais

Reiteramos, por fim, que, nos espaços online de socialização homoerótica em que “machos” e “afeminados” apresentam-se, a voz, as gírias usadas, a barba e demais pelos corporais, o suor, o tônus corporal e a ausência de “biquinhos” em fotografias constituem visibilidades a respeito do que é ser “macho” e, inevitavelmente, do que é ser afeminado – objeto/usuário de constante recusa. Mas também, vimos que não há unanimidade quanto aos pelos corporais e sua relação com a macheza, conforme (5).

Assim, ser um “cara macho” não é unicamente dizer ser, mas também fazer ver, no corpo e no seu funcionamento, visibilidades a respeito do que é ser macho e, portanto, fazer ver a macheza heterossexual e o distanciamento do que se consideraria “gay/afeminado/mulher”. As visibilidades abordadas neste artigo emergem como constitutivas do homem “macho tipo hétero” que não reconhece os ciberespaços, em que estão, como “lugares gays” e desvaloriza todos os usuários que, em si, façam ver visibilidades associadas à feminilidade.

Nesse sentido, em se tratando das visibilidades a partir de (3) a (7), lançamos luz sobre um campo multissensorial que também faz parte da luta política travada por usuários de ciberespaços, nos quais os homens afeminados são posicionados no lugar da

descartabilidade, enquanto os machos são valorizados como desejáveis e agem, aparentemente, sob uma preocupação imitativa centrada numa espécie de obediência a uma identidade de homem heterossexual em relação a qual são atribuídas visibilidades específicas. Em suma, homens dispõem-se online como plugues não-anais, mas elétricos, são dispostos em uma vitrine ou em lojas online, conforme (1), separados por funcionalidades específicas e nomeadas em conformidade com a gramática binária “macho/fêmea”.

Portanto, reafirmamos que “os objetos materializam o regime de partições e classificações hegemônico em uma dada cultura. Eles indicam e documentam as distribuições que uma dada organização social faz das categorias do mesmo e do outro, do semelhante e do diferente” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2021, p. 141). Logo, com as percepções produzidas a partir dos dispositivos sem honra juntamente aos dados produzidos a partir do *Grindr* e *Scruff*, destacamos que, de maneira similar a plugues elétricos, homens classificam-se sob a gramática “macho/fêmea”, mesmo que busquem por outros homens online, produzindo discursivamente diferenciações entre si e expressando desvalorizações a respeito de homens considerados insuficientemente machos.

Agradecimentos

KMS agradece ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq/Brasil) pelo apoio concedido com bolsa de produtividade.

Contribuição

Elivelto Cardoso e Silva: Conceptualização, Curadoria de dados, Investigação, Escrita – rascunho original, Escrita – análise e edição; **Kátia Menezes de Sousa:** Conceptualização, Supervisão; Escrita – rascunho original, Escrita – análise e edição.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. Os dispositivos sem honra: artefatos e objetos como presenças na história, uma contribuição do pensamento de Michel Foucault. *In*: RESENDE, H. **Michel Foucault: da produção de verdades ao governo da vida**. São Paulo: Intermeios; Brasília; CNPQ, 2021.

BUTTURI JUNIOR, Atílio. **A passividade e o fantasma**: o discurso monossexual no Brasil. 2012. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução Claudia Sant'Anna Martins; revisão da tradução Renato Janine Ribeiro – São Paulo: Brasiliense, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Michel Foucault**: as formações históricas / Gilles Deleuze; traduzido por Cláudio Medeiros, Mario A. Marino. Aula 01 – São Paulo: n-1 edições e editora filosófica politeia, 2017a.

DELEUZE, Gilles. **Michel Foucault**: as formações históricas / Gilles Deleuze; traduzido por Cláudio Medeiros, Mario A. Marino. Aula 02 – São Paulo: n-1 edições e editora filosófica politeia, 2017b.

DELEUZE, Gilles. **Michel Foucault**: as formações históricas / Gilles Deleuze; traduzido por Cláudio Medeiros, Mario A. Marino. Aula 03 – São Paulo: n-1 edições e editora filosófica politeia, 2017c.

DELEUZE, Gilles. **Michel Foucault**: as formações históricas / Gilles Deleuze; traduzido por Cláudio Medeiros, Mario A. Marino. Aula 04 – São Paulo: n-1 edições e editora filosófica politeia, 2017d.

DELEUZE, Gilles. **Michel Foucault**: as formações históricas / Gilles Deleuze; traduzido por Cláudio Medeiros, Mario A. Marino. Aula 05 – São Paulo: n-1 edições e editora filosófica politeia, 2017e.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. – 8ed. – Rio de Janeiro: Editora Forense, 2020.

FOUCAULT, M. O jogo de Michel Foucault. In: FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos, volume IX**: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Trad. Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 44-77.

FOUCAULT, M. O triunfo social do prazer sexual: uma conversação com Michel Foucault. In: FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos, volume V**: ética, sexualidade e política. 3 ed. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 119-125.

Recebido em: 15 de abril de 2022

Aceito em: 17 de maio de 2022

Publicado em agosto de 2022

Elivelto Cardoso e Silva
E-mail: veltoperi@hotmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5367-8315>

Katia Menezes de Sousa
E-mail: km-sousa@uol.com.br
ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3391-2594>